

DAVID
BALDACCI

TODA A
VERDADE



ARQUEIRO

Para Zoe e Luke

*Por que perder tempo descobrindo a verdade
quando se pode facilmente criá-la?*

- O autor da frase pediu para permanecer no anonimato porque não estava autorizado a falar publicamente sobre questões de verdade.

PRÓLOGO

- *Dick, preciso de uma guerra.*
- *Bem, como sempre, veio ao lugar certo, Sr. Creel.*
- *Não será um conflito típico.*
- *Nunca espero nada típico de você.*
- *Mas você tem que vender isso. Tem que fazer com que eles acreditem, Dick.*
- *Posso fazer com que acreditem em qualquer coisa.*

A IMAGEM DO HOMEM TORTURADO surgiu no site mais popular do mundo à meia-noite do Tempo Universal, o fuso horário de referência mundial.

As primeiras quatro palavras que ele disse seriam lembradas para sempre por todos os que as ouviram.

– Estou morto. Fui assassinado.

Ele falava russo, mas, na parte inferior da tela, sua trágica história era contada em praticamente qualquer idioma que se quisesse; bastava clicar em um botão. A polícia secreta da Federação Russa tinha arrancado dele e de sua família “confissões” de traição. O homem havia conseguido escapar e gravara aquele vídeo tosco.

Quem quer que tenha segurado a câmera estava morrendo de medo, bêbado ou as duas coisas, porque o filme, de imagem granulada, tremia a cada segundo.

O homem disse que, se o vídeo fosse exibido, era porque ele tinha sido recapturado pelos agentes do governo e já estava morto.

Seu crime? Simplesmente querer a liberdade.

– Há dezenas de milhares como eu – disse ele ao mundo. – Seus ossos jazem na tundra congelada da Sibéria e nas águas profundas do lago Balkhash, no Cazaquistão. Vocês logo verão evidências disso. Outros retomarão a luta agora que me fui.

Ele alertou que, enquanto as pessoas passavam tanto tempo concentradas nos Osama bin Ladens do mundo, o mal antigo, com uma força destrutiva um milhão de vezes maior do que a de todos os renegados islâmicos juntos, havia claramente voltado, mais mortal do que nunca.

– É hora de o mundo saber *toda a verdade* – gritou para a câmera e depois irrompeu em lágrimas.

Após um momento, continuou:

– Meu nome é Konstantin. Meu nome *era* Konstantin – corrigiu-se. – É tarde demais para mim e para minha família. Estamos todos mortos agora. Minha mulher e meus três filhos, todos se foram. Não se esqueçam de mim e do motivo para eu ter morrido. Não deixem minha família perecer em vão.

Enquanto a imagem e a voz do homem desapareciam gradualmente da tela, surgia uma nuvem em forma de cogumelo e, sobreposta à parte inferior dessa imagem apavorante, lia-se a nefasta frase: *Primeiro o povo russo, depois o resto do mundo. Podemos nos dar ao luxo de esperar?*

Os créditos da produção eram rudimentares, os efeitos especiais amadores, mas ninguém se importou com isso. Konstantin e sua pobre família haviam se sacrificado para que o resto do mundo tivesse uma chance de viver.

O primeiro a ver o vídeo, um programador de computadores de Houston, ficou estupefato. Ele enviou o arquivo por e-mail para uma lista de vinte amigos. A próxima pessoa a vê-lo, segundos depois, morava na França e sofria de insônia. Chorando, ela o enviou para cinquenta amigos. O terceiro espectador era da África do Sul e ficou tão furioso com o que viu que telefonou para a BBC e depois encaminhou o vídeo para oitocentos de seus amigos “mais íntimos” na internet. Uma adolescente na Noruega assistiu ao filme horrorizada e depois o encaminhou para todos que conhecia. As próximas mil pessoas a vê-lo eram de 19 países diferentes e cada uma delas o compartilhou com trinta amigos, que por sua vez o compartilharam com dezenas de outros. O que havia começado como uma gota de chuva digital no oceano da internet rapidamente explodiu em uma tsunami de pixels e bytes do tamanho de um continente.

O vídeo se espalhou como uma pandemia, causando comoção em todo o mundo. A história foi passada adiante por meio de blogs, mensagens instantâneas e e-mails. A cada vez que era recontada, também era aumentada, até que aparentemente o planeta estivesse correndo o risco de ser devastado a qualquer momento por russos malucos e sedentos de sangue. Três dias após a triste declaração de Konstantin, o mundo ecoava seu nome. Logo metade da população mundial, inclusive aqueles que não tinham a menor ideia de quem era o presidente dos Estados Unidos ou o papa, sabia tudo sobre o russo morto.

A história foi aproveitada por jornais menores, então o *The New York Times*, o *The Wall Street Journal* e outros veículos proeminentes foram tomados pelo frenesi, ainda que por nenhum outro motivo além do fato de que todos estavam falando sobre aquele assunto. A partir daí, a história chegou ao circuito televisivo com todas as emissoras – do Channel One, na Alemanha, à BBC, ABC News, CNN e à TV controlada pelo governo chinês – anunciando um possível novo apocalipse. Com isso, a história ficou tão firmemente plantada na mente, alma e consciência coletiva do mundo que ninguém se importava com mais nada.

O grito de ordem “Lembrem-se de Konstantin” foi ouvido dos lábios de pessoas em todos os continentes.

O governo russo negou tudo veementemente. O presidente Gorshkov chegou a ir à TV internacional denunciar aquela história como uma farsa e apresentou o que chamou de evidência “sólida” de que Konstantin nunca havia existido. Mas poucos acreditaram nele. Gorshkov era ex-agente da KGB. De cima a baixo, o governo russo estava cheio de demônios fascistas. Jornalistas de todo o mundo

transmitiam essas informações havia anos, só que até aquele momento ninguém tinha realmente se importado, porque isso não interferia na vida das pessoas. Agora elas tinham a morte de Konstantin e uma nuvem em forma de cogumelo na internet lhes dizendo que, de repente, aquele assunto era muito importante.

Decerto havia muitos céticos com sérias dúvidas sobre quem e exatamente o que Konstantin e seu vídeo representavam. Essas mesmas pessoas começariam a investigar o homem supostamente morto e sua história. Contudo, muitas outras tinham ouvido e visto tudo de que precisavam para chegar a uma conclusão inequívoca.

Mas a Rússia e o resto do mundo nunca descobririam que Konstantin na verdade era um ator iniciante da Letônia, suas “feridas” e seu “abatimento” resultaram de maquiagem benfeita e iluminação profissional. Após gravar o vídeo, ele se lavou, retirou todos os elementos de seu disfarce e comeu um belo almoço no (onde mais?) Russian Tea Room, em Nova York, gastando parte dos 50 mil dólares que recebera pela filmagem. Como ele também falava espanhol, tinha boa aparência e um belo e esculpido corpo moreno, sua maior ambição agora era ganhar um papel importante em uma novela latina.

Entretanto, o mundo nunca mais seria o mesmo.

2

NICOLAS CREEL TERMINOU CALMAMENTE seu Bombay Sapphire com tônica e vestiu o paletó. Ia dar um passeio. Na verdade, passeio era para pessoas normais. Líderes corporativos bilionários estavam bem acima da ralé. Quando olhou pela janela do helicóptero no curto percurso sobre o Hudson para Jersey, os arranha-céus lá embaixo o lembraram de quão longe tinha chegado. Creel nascera no oeste do Texas, uma área com uma planície aparentemente interminável, tão grande e árida que se dizia que muitos dos habitantes dali não sabiam que era possível morar, ou mesmo chegar, em algum outro lugar.

Creel havia passado exatamente um ano no Texas antes de se mudar para as Filipinas com seu pai, sargento do Exército. Dali eles foram sucessivamente transferidos para outros sete países até seu pai ser mandado para a Coreia e prontamente reduzido a cinzas no que o Exército mais tarde descreveu como um infeliz erro de logística. Sua mãe se casara de novo e, anos depois, Creel foi para a universidade e se formou em engenharia. Depois reuniu fundos suficientes para um MBA, mas desistiu após seis meses, preferindo aprender na prática.

A lição mais valiosa que seu pai lhe ensinara era que o Pentágono comprava mais armas do que ninguém e pagava preços superfaturados por elas. E a melhor parte era que, quando você precisava de mais lucro, bastava pedir. Afinal de contas, o dinheiro não era deles. E nada era mais fácil do que dar dinheiro dos outros, especialmente porque os Estados Unidos eram donos do maior cofre do mundo. Aquele parecia ser um excelente negócio, porque, como Creel logo descobriu, podia-se realmente vender às Forças Armadas vasos sanitários de 12 mil dólares e martelos de 9 mil dólares e escapar impune sob uma montanha de artifícios legais e audiências estapafúrdias no Congresso.

Creel havia passado as décadas seguintes construindo o que agora era o maior fornecedor militar do mundo, a Ares Corporation. Segundo a revista *Forbes*, ele era o 14º homem mais rico do planeta, com mais de 20 bilhões de dólares em seu nome.

Sua falecida mãe era uma grega, linda e morena, com temperamento e ambição ardentes que ele havia herdado, assim como sua beleza. Depois que o marido foi vítima do erro logístico na Coreia, ela se casou com um homem de nível social mais alto que logo se livrou de Creel mandando-o para internatos, não muito bons, por sinal. Enquanto os filhos de outros homens ricos tinham tudo, Creel, um intruso naquele meio, suportava seus insultos e suava para ganhar cada centavo. Essas experiências tinham lhe fornecido uma couraça.

Dar à sua empresa o nome do deus grego da guerra foi um tributo à mãe, a pessoa que ele mais amava. E Creel se orgulhava do que sua empresa produzia. O nome gravado em seu iate de 400 pés era *Shiloh*, uma das batalhas mais sangrentas da Guerra Civil americana.

Embora tivesse nascido nos Estados Unidos, Creel nunca se considerou simplesmente americano. A sede da Ares Corp. ficava nos Estados Unidos, mas Creel era um cidadão do mundo e havia muito tempo renunciara à sua cidadania americana. Aquilo condizia com seu negócio, porque nenhum país tinha o monopólio da guerra. Contudo, Creel permanecia nos Estados Unidos quanto tempo quisesse, porque tinha um exército de advogados e contadores que descobriam todas as saídas no pântano linguístico que era o código tributário americano.

Há muito Creel tinha aprendido que, para proteger seu negócio, tinha de espalhar a riqueza. Cada grande contrato de sistema de armas da Ares era dispersado por todos os cinquenta estados. Suas campanhas publicitárias brilhantes e caras apregoavam esse fato acima de todos os outros.

“Mil fornecedores espalhados pelo país mantendo você seguro”, proclamava a voz em off, em tons profundamente ressonantes que faziam sua pele se arrepiar

e seu coração disparar. Aquilo parecia muito patriótico. Na verdade, havia sido feito por um único motivo: agora, se algum burocrata tentasse cortar custos, 535 membros do Congresso se levantariam e o linchariam pela audácia de tentar tirar empregos de *seu* povo. Creel também havia conseguido implementar a mesma estratégia, com sucesso, em vários outros países. Os Estados Unidos não tinham o monopólio dos políticos interesseiros, assim como não detinham o da guerra.

Os aviões de caça construídos pela Ares voavam sobre os grandes eventos esportivos mundiais, inclusive a World Series, o Super Bowl e a Copa do Mundo. Como você podia não se arrepiar quando uma rígida formação de caças de 150 milhões de dólares passava rugindo sobre sua cabeça com poder de fogo suficiente para matar de uma só vez todos os homens, mulheres e crianças no local? Aquilo era quase poético em sua assustadora majestade.

O orçamento de lobby e marketing global da Ares era de 3 bilhões de dólares por ano. Com essa soma gigantesca nenhum grande país que tivesse dinheiro para gastar em defesa deixava de ouvir repetidamente a mensagem: “Nós somos fortes. Ficamos ao seu lado. Nós o mantemos seguro. Nós o mantemos livre. Somos a única coisa entre você e *elas*.” E as imagens eram igualmente irresistíveis: churrascos e paradas, bandeiras tremulando, crianças batendo continência ao passar de tanques, aviões voando acima das cabeças e soldados com rostos severos e pintados de preto avançando em território hostil.

Creel tinha descoberto que nenhum país resistiria a esse tipo de mensagem que fazia corações dispararem. Bem, talvez a Alemanha, mas era só.

Os comerciais davam a impressão de que a poderosa Ares Corporation estava doando as armas por fervor patriótico em vez de ter o orçamento eternamente estourado e descumprir prazos – ou de convencer os ministérios de Defesa a comprar brinquedos de guerra caros que nunca eram usados, ignorando itens mais baratos, como os coletes à prova de bala e óculos de visão noturna dos quais os soldados realmente dependiam para sobreviver. Aquilo tinha funcionado muito bem durante décadas.

Contudo, as coisas estavam mudando. As pessoas pareciam cansadas de guerra. A frequência nas enormes convenções de comércio que a Ares realizava anualmente diminuía por cinco anos consecutivos. O orçamento de marketing da Ares agora era maior do que seu lucro líquido. Isso revelava uma única verdade: as pessoas não estavam mais comprando o que Creel vendia.

Era por isso que ele estava sentado naquele momento em uma bela sala de um prédio adquirido por sua empresa. O homem grande diante dele usava jeans e botas de combate e parecia um urso pardo sem pelo. Ou um exemplo extremo

de todas as marcas de sarampo em um só rosto. Tinha ombros largos, mãos enormes e de algum modo ameaçadoras.

Creel não apertou sua mão.

– Começou – falou.

– Vi o camarada Konstantin. – O homem não conseguiu evitar um sorriso malicioso ao dizer isso. – Ele deveria ganhar o Oscar.

– *Sixty Minutes* apresentará uma reportagem sobre isso no fim de semana. Junto com todos os outros jornais de notícias. O idiota do Gorshkov está facilitando as coisas para nós.

– E quanto ao incidente?

– *Você é* o incidente – disse Creel, apontando para o homem.

– Isso funcionou antes sem tropas na linha de frente.

– Não estou interessado em guerras que acabam em cem dias ou se transformam em brigas de rua no submundo do crime. Elas não pagam nem a conta de luz, Caesar.

– Diga qual é o plano e eu o executarei, Sr. Creel, como sempre.

– Apenas esteja pronto para partir.

– O senhor é quem manda – disse Caesar.

– Pode apostar que sim.

Ao voltar de helicóptero para o prédio da Ares, Creel olhou para os templos de concreto, vidro e aço da cidade lá embaixo. *Você não está mais no oeste do Texas, Nick.*

É claro que não se tratava apenas de dinheiro. Ou de salvar sua empresa. Creel tinha bastante dinheiro e, independentemente do que fizesse, a Ares Corp. sobreviveria. Não, tratava-se de pôr o mundo de volta em sua estrutura apropriada. As coisas estavam desalinhadas havia tempo demais. Creel havia se cansado de ver os fracos e selvagens darem ordens aos fortes e civilizados. Estava prestes a pôr as coisas em seus devidos lugares. Alguns poderiam dizer que ele estava brincando de Deus. Bem, de certo modo estava. Mas mesmo um deus benévolo usava violência e destruição para atingir seu objetivo. Creel pretendia seguir esse modelo ao pé da letra.

Inicialmente haveria sofrimento.

Haveria perda.

Sempre houvera. Na verdade, seu pai fora vítima dessa necessidade de manter o poder do mundo em mãos firmes, por isso Creel entendia muito claramente o nível de sacrifício exigido. Mas, no final, tudo valeria a pena.

Ele se recostou em seu assento.

O criador de Konstantin sabia um pouco.

Caesar sabia um pouco.
Somente Nicolas Creel sabia de tudo.
Como os deuses sempre sabiam.

3

— **O QUE SIGNIFICA O “A”?** – perguntou o homem em um inglês fluente com sotaque holandês.

Shaw olhou para o cavalheiro em pé diante dele no setor de imigração do aeroporto Schiphol, 15 quilômetros a sudoeste de Amsterdã. Um dos aeroportos mais movimentados do mundo, Schiphol fica a quase 5 metros abaixo do nível do mar com trilhões de toneladas de água agitada ali por perto. Shaw sempre havia considerado isso o máximo da audácia da engenharia. Contudo, grande parte do país fica abaixo do nível do mar, por isso eles realmente não têm muitas opções de onde aterrissar os aviões.

– Como? – perguntou Shaw, embora soubesse bem a que o outro se referia.

O homem pôs o dedo sobre a foto no passaporte de Shaw.

– Aqui. O nome fornecido é apenas a inicial “A”. O que significa?

Shaw olhou fixamente para seu passaporte enquanto o holandês o observava.

Como convinha à nação mais alta do mundo, o funcionário da imigração tinha 1,88m, apenas 2,5cm mais alto que a média dos holandeses, mas ainda assim 7,5 centímetros a menos do que a estatura imponente de Shaw.

– Não significa nada – respondeu Shaw. – Minha mãe nunca me deu um nome. Sou apenas Shaw, porque esse é meu sobrenome, ou pelo menos era o da minha mãe. Como era preciso ter um nome, escolhi a letra A, porque é a primeira do alfabeto.

– Seu pai não fez nenhuma objeção quanto ao filho não ter o nome dele?

– Não se precisa de um pai para ter um bebê, só para fazer um.

– E o hospital não lhe deu um nome?

– Por acaso todos os bebês nascem em hospitais? – retrucou Shaw com um sorriso.

O holandês se empertigou e depois seu tom se tornou menos agressivo:

– Shaw. Irlandês, como em George Bernard?

Shaw descobriu que os holandeses eram maravilhosamente bem informados. Bem-educados e curiosos, adoravam debater. Ninguém nunca havia lhe perguntado sobre George Bernard Shaw.

– Poderia ser, mas sou escocês, das Terras Altas. Pelo menos meus ancestrais vieram de lá – acrescentou ele rapidamente, já que portava um passaporte americano, um de uma dúzia de outros que possuía. – Nasci em Connecticut. Já esteve lá?

– Não. Mas gostaria muito de viajar para os Estados Unidos – respondeu o homem com entusiasmo.

Não era a primeira vez que Shaw via aquele olhar desejoso.

– Bem, as ruas não são realmente pavimentadas com ouro e as mulheres não são todas estrelas de cinema, mas há muito a fazer e muitas oportunidades.

– Talvez um dia – disse o funcionário da imigração pensativamente antes de reassumir suas funções. – Está aqui a negócios ou a passeio?

– As duas coisas. Por que vir de tão longe e ter que escolher?

O homem reprimiu o riso.

– Tem algo a declarar?

– *Ik heb niets aan te geven* – disse Shaw.

– Fala holandês? – perguntou o outro em um tom surpreso.

– Todos não falam?

O homem riu e carimbou o passaporte de Shaw com um carimbo antigo, em vez dos equipamentos de alta tecnologia usados por alguns países. Shaw ouvira dizer que esses equipamentos implantavam um dispositivo de rastreamento digital no papel. Ele sempre preferira tinta a dispositivos de rastreamento.

– Aproveite bem sua visita – disse o novo amigo holandês de Shaw ao lhe devolver o passaporte.

– Pretendo aproveitar – respondeu ele, enquanto caminhava na direção da saída e do trem que o levaria à Centraal Station, em Amsterdã, em cerca de vinte minutos.

A partir dali as coisas ficariam mais animadas. Mas primeiro ele tinha um papel a desempenhar.

Porque tinha um público.

Na verdade, a plateia o observava naquele exato momento.

4

O TÁXI QUE SHAW PEGOU na estação de trem o deixou no Amstel Intercontinental. O hotel tinha 75 quartos lindos, muitos com uma vista invejável para o rio Amstel, embora Shaw não estivesse ali para apreciar a paisagem.

Nos próximos três dias, Shaw iria representar seu papel de turista. Havia poucos lugares melhores para isso do que Amsterdã, uma cidade de 750 mil habitantes, apenas metade dos quais eram holandeses. Ele deu um passeio de barco e, entusiasmado, tirou fotos de uma cidade com mais canais do que Veneza e quase 13 mil pontes em um espaço de apenas 200 quilômetros quadrados, dos quais um quarto era água.

Shaw se sentiu especialmente atraído pelas casas-barco, quase 3 mil, atracadas ao longo dos canais. Elas representavam raízes. Embora flutuassem na água, nunca saíam do lugar. Eram passadas de uma geração para outra ou vendidas. Ele se perguntou como deveria ser ter essa ligação com um lugar.

Mais tarde, Shaw vestiu uma roupa esportiva, calçou seu tênis e foi correr pelos grandes espaços abertos do Oosterpark, perto de seu hotel. Em um sentido muito real, ele havia corrido a vida toda. Bem, se as coisas saíssem conforme o planejado, isso chegaria ao fim. Ou então ele acabaria morto. Correria de bom grado esse risco. De certo modo, já estava morto.

Tomando um café num Bulldog, a cadeia de cafeterias mais famosa de Amsterdã, Shaw observou as pessoas cuidando de suas vidas. E também viu os homens que claramente o estavam observando. Era mesmo patético ser vigiado por pessoas que não tinham a menor ideia de como fazer aquilo direito.

No dia seguinte almoçou em um de seus restaurantes favoritos na cidade, dirigido por um velho italiano. A mulher do proprietário ficava o dia inteiro sentada a uma mesa, lendo jornal, enquanto seu marido trabalhava como maître, garçom, chef, lavador de pratos e caixa. O lugar só tinha quatro banquetas altas no balcão e cinco mesas, sem contar o domínio da mulher. Os possíveis clientes tinham de ficar em pé à porta e ser inspecionados pelo marido. Se ele fizesse um sinal afirmativo com a cabeça, você podia entrar. Se lhe virasse as costas, teria que procurar outro lugar para comer.

Ele nunca virara as costas para Shaw. Talvez fosse por causa de seu físico imponente ou de seus olhos azuis magnéticos que pareciam prender a pessoa em seu abraço poderoso. Porém, o mais provável é que fosse porque ele e o italiano já tinham trabalhado juntos, e não havia sido no ramo da gastronomia.

Naquela noite Shaw vestiu um terno e foi assistir à opera no Muziektheater. Quando a apresentação terminou, poderia ter voltado a pé para seu hotel, mas preferiu seguir na direção oposta. Aquela noite era o verdadeiro motivo para ter ido à Holanda. Ele não era mais um turista.

Ao se aproximar do bairro da luz vermelha, Shaw percebeu alguma atividade em um beco escuro e particularmente estreito. Havia um garoto pequeno ali nas

sombras. Perto dele, um homem de aparência rude estava com o zíper abaixado e a mão grande metida dentro das calças do garoto.

Num instante Shaw mudou de direção. Entrou de mansinho no beco e deu uma pancada na parte de trás da cabeça do homem. Foi um golpe calculado para atordoar, não para matar, embora Shaw estivesse muito tentado a acabar com o predador. Quando o homem caiu inconsciente no chão, Shaw pôs 100 euros na mão do garoto e o mandou embora com um empurrão e uma séria advertência em holandês. Quando o som dos passos apressados do garoto reverberou ao longe, Shaw soube que, pelo menos naquela noite, ele não teria fome nem morreria.

Ao retomar sua rota original, Shaw notou pela primeira vez que a velha bolsa de valores ficava bem em frente do bairro da luz vermelha. Isso lhe pareceu estranho, mas, pensando bem, dinheiro e prostituição sempre foram companheiros de quarto. Shaw se perguntou se, em vez de euros, alguma das mulheres aceitava ações de empresas como pagamento.

Ainda mais irônico do que a proximidade da bolsa de valores com as prostitutas era o fato de o bairro da luz vermelha cercar a Oude Kerk, ou Igreja Velha, a maior e mais antiga casa de adoração da cidade. Construída em 1306 como uma simples capela de madeira, foi constantemente reformada e aumentada nos dois séculos seguintes. Certa vez, um piadista incrustara um par de seios de bronze no calçamento perto da porta da frente. Shaw havia entrado na igreja algumas vezes e ficara impressionado com a série de entalhes nos bancos do coro retratando homens esvaziando seus intestinos. Ele só podia presumir que antigamente as missas eram *mesmo* longas.

Santos e pecadores, Deus e prostitutas, refletiu Shaw, enquanto chegava ao meio daquela faixa de iniquidade. Os holandeses chamavam a área de Walletjes, ou “Pequenos Muros”. Presumivelmente, o que acontecia por trás de Walletjes não saía dali. Naquela noite, ele estava contando com isso.

O bairro da luz vermelha não era muito grande, talvez ocupasse a área entre dois canais, mas era bastante cheio nesse par de quarteirões. À noite, trabalhavam as prostitutas mais bonitas. Muitas eram mulheres estonteantes do Leste Europeu que haviam sido levadas para o país com falsas promessas e “caído numa armadilha”, como aquilo era delicadamente chamado. Por ironia, as prostitutas da noite eram, em especial, para ser exibidas. Afinal de contas, quem queria entrar por aqueles portais libidinosos com milhares de pessoas olhando? Durante as manhãs e tardes, o bairro ficava mais tranquilo e era quando os clientes sérios pagavam por suas visitas a mulheres muito menos bonitas mas eficientes, do segundo e do terceiro turno de oito horas de trabalho.

Os quartos das prostitutas eram difíceis de ser ignorados, porque eram todos contornados por tubos de neon vermelho que quase ofuscavam a visão. Os quartos também tinham iluminação fluorescente para que as poucas roupas que as garotas usavam ficassem resplandecentes como um sol de verão. Shaw passou, uma a uma, pelas vitrines onde as mulheres ficavam, às vezes dançando, às vezes fazendo poses eróticas. Na verdade, a maioria das pessoas ia ali para olhar, e não em busca de sexo, embora as camas ainda rendessem aproximadamente meio bilhão de euros por ano.

Shaw manteve a cabeça baixa, seus pés o levando para um destino particular. Ele estava quase lá.

5

A MULHER NA VITRINE ERA jovem e bonita, com cabelos pretos brilhantes caindo em ondas sobre seus ombros nus. Usava apenas uma tanga branca, sapatos de salto agulha e um colar barato que escorregava por entre os seios fartos, cujos mamilos estavam cobertos com adesivos de girassol. Uma escolha interessante, pensou Shaw.

Ele manteve contato visual com ela enquanto abria caminho pela multidão. A mulher foi encontrá-lo na porta, onde Shaw confirmou seu interesse. Mesmo usando sapatos de salto alto, era 30 centímetros mais baixa do que ele. Na vitrine, parecia mais alta. As coisas expostas geralmente parecem maiores. E melhores. Quando você leva sua compra para casa, ela não parece tão especial.

A mulher fechou a porta e depois as cortinas vermelhas, o único sinal de que ela e o quarto estavam ocupados.

O espaço era pequeno, com uma pia, instalações sanitárias e, é claro, uma cama. Perto da pia havia um botão que as prostitutas apertavam em caso de emergência. Então a polícia aparecia de repente e levava embora o cliente que, em busca de satisfação, tinha ultrapassado os limites. Essa era uma das áreas mais bem patrulhadas da cidade – tudo para manter a receita tributária. Shaw viu uma segunda porta na parede dos fundos e depois desviou o olhar. No quarto ao lado, os sons de outro cliente feliz eram claramente audíveis. Os quartos das prostitutas ficavam um ao lado do outro, com uma parede fina de gesso ou às vezes apenas uma cortina no meio. Claramente, o negócio não exigia enfeites supérfluos ou muito espaço para funcionar.

– Você é muito bonito – disse a mulher em holandês. – E grande – acrescentou, erguendo os olhos para ele. – É grande assim no corpo todo? Porque não sou muito grande lá embaixo – observou, olhando fixamente para o pênis dele.

– *Spreekt u Engels?* – perguntou Shaw.

A mulher fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Sim, falo inglês. São 30 euros por vinte minutos. Mas farei o preço especial de 75 euros por uma hora. É só pra você – acrescentou sem rodeios. Ela lhe entregou uma lista em holandês, mas também repetida na parte de baixo da página em dez idiomas diferentes, inclusive inglês, francês, japonês, chinês e árabe. O título era “Coisas que farei e coisas que não farei”.

Shaw lhe devolveu a lista.

– Seu amigo está aqui? – perguntou. – Há muito tempo que espero encontrá-lo. – Ele olhou na direção da segunda porta.

A mulher o avaliou de um modo diferente.

– Sim, está aqui.

Ela se virou e o conduziu para a porta na parede dos fundos. Suas nádegas expostas, embora firmes, balançaram um pouco enquanto ela dava passos exagerados de modelo à sua frente. Shaw não soube dizer se ela fez aquilo por hábito ou porque os sapatos eram muito instáveis.

A mulher abriu a porta e fez um sinal para que Shaw entrasse. Ela o deixou ali, de frente para o velho sentado a uma pequena mesa onde havia sido posta uma refeição simples: um pedaço de queijo, outro de bacalhau, um naco de pão e uma garrafa de vinho.

O rosto do homem era um poço de rugas e ele tinha barba branca irregular e uma pequena barriga arredondada e flácida. Os olhos espreitavam por sob tufo de cabelos desgrehados, brancos como a neve, que precisavam urgentemente de um corte. Os olhos dele se fixaram nos de Shaw e o homem fez um gesto para que ele se aproximasse da mesa.

– Está com fome? Com sede?

Havia uma segunda cadeira, mas Shaw preferiu não usá-la. Na verdade, se tentasse se sentar, o homem teria atirado nele, porque tinha uma arma na mão esquerda apontada para Shaw e as instruções haviam sido claras. Você não deve se sentar. Não deve beber ou comer se quiser continuar vivo.

Shaw já tinha varrido com os olhos o pequeno aposento. A única entrada era a porta pela qual viera. Ele havia se posicionado de modo que ficasse com um olho nela e outro no homem. E em sua arma.

Shaw balançou a cabeça e respondeu:

– Obrigado, mas já comi no De Groene Lanteeerne.

Era um lugar barato que servia comida holandesa tradicional em uma sala com trezentos anos e que aparentava a idade que tinha.

Ao ouvir o código secreto, o homem se levantou, tirou um pedaço de papel do bolso e o entregou a Shaw. Este passou os olhos pelo endereço e pelas outras informações escritas ali, rasgou o papel e o atirou no vaso sanitário junto a uma parede e deu descarga. Aparentemente aproveitando a deixa, o velho pôs um chapéu surrado e um casaco remendado e saiu.

Shaw ainda não podia ir embora. Os encontros sexuais normalmente duravam um pouco mais de dois minutos, mesmo para os adolescentes iniciantes. E você nunca sabia quem estava observando. Bem, ele sabia. Havia vários deles.

Shaw voltou para o quarto principal, onde a mulher estava estirada na cama, como uma gata. A cortina ainda estava abaixada; seu tempo ainda corria.

– Quer transar comigo agora? – perguntou ela num tom levemente entediado, enquanto começava a deslizar a tanga para baixo. – Já está pago – acrescentou, como se ele precisasse de um incentivo. – Uma hora inteira. E *farei* coisas fora da lista por mais 30 euros.

– *Nee, dank u* – respondeu Shaw, sorrindo educadamente. Quando se trata de sexo, se for rejeitar uma mulher é melhor fazê-lo no idioma dela.

– Por que não? Algum problema? – perguntou ela, obviamente ofendida.

– Sou casado – respondeu ele simplesmente.

– A maioria dos homens que me procura é.

– Tenho certeza que sim.

– Onde está sua aliança? – perguntou ela, desconfiada.

– Nunca a uso no trabalho.

– Tem certeza de que não me quer? – O tom descrente da mulher se refletia claramente na incredulidade em seu rosto.

Shaw escondeu seu espanto. Ela devia ser realmente nova, pois sua vaidade ainda estava intacta. As prostitutas mais velhas certamente adorariam a chance de obter pagamento integral que não incluísse sexo.

– Certeza absoluta.

Ela subiu a calcinha.

– É uma pena.

– Sim, uma pena – disse Shaw.

Na verdade, se as coisas saíssem de acordo com o planejado, dali a dois dias ele estaria em Dublin com a única mulher que realmente amava. E que também era o motivo para que ele tivesse que sair. Imediatamente.

Ainda assim, até mesmo Shaw tinha de reconhecer que aquele era um grande “se”. Em seu ramo de trabalho, amanhã era apenas outro dia para morrer.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br